



Grupo de estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais: um aquilombamento epistêmico¹

Zilda MARTINS²

Raika Julie MOISÉS³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir acerca da experiência do Grupo de estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), nascido da observação de ausência acadêmica de autores.os negros.as nas grades curriculares. Será questionada a orientação elitista de epistemologia ocidental, em detrimento de saberes ancestrais. As ações afirmativas e o discurso midiático servem como pano de fundo para a atuação desenvolvida pelo GEMS. Este trabalho será construído em duas partes. Uma abordará as primeiras reuniões, leituras, encontros, relações afetivas e acolhimentos mútuos. A segunda parte apresentará um caráter mais subjetivo, com depoimentos de integrantes do grupo. Metodologicamente, ampara-se na técnica de observação participante e teoricamente, em autores como NASCIMENTO (2019), SODRÉ (2012), hooks (2019), CESAIRE (1978).

PALAVRAS-CHAVE: Grupo de estudos; mídia e ações afirmativas; eurocentrismo; epistemologia, colonialismo

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é refletir acerca da experiência do Grupo de estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), nascido da observação da ausência de autores negros e autoras negras nas grades curriculares. Para tanto, questionamos a orientação elitista do modelo universitário em detrimento de um olhar cruzado entre a epistemologia ocidental e os saberes ancestrais, presentes em práticas descoladas do universo acadêmico.

Ao reconhecer a necessidade de aprofundamento do debate racial no campo da comunicação, este trabalho traz reflexões sobre os estudos de raça, corporeidade e experiência negra em articulação com os processos de identidade, representação e narrativas midiáticas em torno das políticas de ações afirmativas com intuito de contribuir para a estruturação de um pensamento ativo e constante sobre comunicação, racismo e interações sociais contemporâneas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ, fundadora e coordenadora do GEMS – LECC/ECO/UFRJ. E-mail: zilda.martins@eco.ufrj.br

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura da ECO/UFRJ e coordenadora do GEMS – LEC/ECO/UFRJ. E-mail: raika.moises@gmail.com



As ações afirmativas e o discurso midiático servem como pano de fundo para a atuação desenvolvida pelo GEMS, observando a materialização das políticas públicas, na prática e na esfera simbólica. Teoricamente, usaremos conceitos de quilombo (NASCIMENTO, 2019), monismo (SODRÉ, 2012), representação (hooks, 2019), colonialismo (CESAIRE, 1978), dentre outros.

O trabalho será construído em duas partes. Uma abordará as primeiras reuniões, primeiras leituras, as relações afetivas e acolhimentos mútuos. Vai contextualizar com a implantação das políticas públicas de ações afirmativas na UFRJ, na graduação e no programa de pós-graduação em Comunicação, realizações e projetos. A segunda parte apresentará um caráter mais subjetivo, considerando que pretende trazer a interferência dos debates na vida pessoal, acadêmica e social, por meio da epistemologia compreensiva, com vozes dos integrantes que estiveram presentes desde a fundação do grupo até o momento.

O que nos chamou a atenção para a criação do Grupo, desde o início, foi o silêncio da universidade diante do novo público, oriundo das políticas públicas de ações afirmativas, com suas salas de aula distantes da realidade brasileira - o cotidiano dos novos alunos, a luta dos movimentos negros por reconhecimento, educação e combate ao racismo. A universidade, historicamente reduto de uma elite branca, até o advento das ações afirmativas fechava-se à diversidade, à despeito do apurado pensamento crítico social e da filosofia do iluminismo. Artifícios conceituais presentes na mídia nos últimos 20 anos, que envolvam a hierarquia intelectual entre os “sujeitos do conhecimento” e os que foram constituídos como “objetos do conhecimento”.

Como afirma Rosana Borges, o século XX e “o projeto de modernidade carrega em seu germe a ideia de perpétua crise, que se faz sentir por todos os terrivelmente outros, não contemplados por uma concepção de humano e humanismo: negros e indígenas, asiáticos e africanos.” (BORGES, 2019, s/p.). Os outros da universidade, sobretudo o pessoal de apoio, subalternizados socioeconômica e culturalmente, por estarem fora do acesso aos meios de educação e melhores condições de trabalho, contrastam com uma comunidade de professores, alunos e técnicos administrativos brancos. Os novos estudantes negros/as querem se ver no espelho e lutam por mudanças. Esse fenômeno só é possível porque pessoas negras de diferentes lugares vêm rompendo com o racismo epistêmico e, a duras penas, fizeram-se senhoras e senhores de suas próprias vozes, ações,



pensamentos, saberes e produções. E são elas e eles que nos possibilitaram a escrita negra do século XXI: engajada, posicionada, indagadora, insurgente (GOMES, 2019).

Nos *campi*, as ações afirmativas representam essa luta de construção de uma grade curricular mais plural, uma epistemologia mais compreensiva, baseada na tessitura entre teoria e sabedoria popular. Abdias Nascimento ressalta a importância da “reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundada em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e pelo racismo.” (NASCIMENTO, 2019, p. 288). As políticas públicas tornam o cenário mais brasileiro, representando o país branco, negro, miscigenado, ainda com poucos estudantes oriundos dos povos originários, mas cada um com suas particularidades, ressaltando a diversidade no ambiente, porém sem os prognósticos midiáticos de divisão do país, caso as cotas raciais fossem implantadas.

Este artigo problematiza a centralidade do ensino universitário de padrão eurocêntrico, assim como a ausência de outros saberes e realidades culturais, mesmo estas estando presentes no corpo universitário, após a implantação das políticas públicas de ações afirmativas. Coloca em questão a práxis universitária que, sem o reconhecimento de outras epistemologias, se mantém em estreita ligação com o pensamento colonialista. Reconhecer a sociedade brasileira como racista coloca no centro deste artigo a experiência vivida por pessoas negras, a credibilidade das representações que se produzem nos espaços sociais e midiáticos em torno dessas pessoas e a forma como a negritude é provocada, constantemente, a estabelecer e constituir estratégias inovadoras de sobrevivência reinvenção de si e de sua comunidade.

Ao mesmo tempo universidade mantém uma tradição ocidental de verdade científica, como explica Sodré. “[...] O monismo cultural se esquivava à possibilidade de uma epistemologia pluralista” (SODRÉ, 2012, p. 25). Tal dinâmica gera a invisibilidade de intelectuais negros/as. “Na realidade, ainda está para ser escrita a grande História do Negro no Brasil, a partir das biografias, não só de seus ‘grandes vultos’ [...], mas também daqueles, menos ou mais anônimos [...]”. (LOPES, 2010, p. 132). A universidade pública oferece essa arena de fala autorizada e de condição de possibilidade de novas histórias contadas pelo devir de professores e professoras negros/as por meio das ações afirmativas.

O objetivo deste trabalho é contar a história do GEMS, a participação de estudantes negros e negras e os saberes compartilhados coletivamente. Além disso, situa



politicamente as atividades do grupo, seja para atuar ao lado de docentes e discentes, como no caso da comissão de implantação de ações afirmativas e cotas raciais no programa de pós-graduação da ECO/UFRJ, em 2016, seja na ideia de criação do curso preparatório para candidatos negros ou indígenas, junto com o recém-criado coletivo de alunos negros da ECO.

Metodologicamente, o artigo ampara-se na técnica de observação participante, considerando o privilégio de estarmos diretamente relacionadas aos.às integrantes do grupo ao longo do tempo, apreendendo os sentidos dados por estes à realidade de cada um.a, o que possibilita compreender as respectivas experiências empíricas. Isso serve de insumo para a escolha das leituras e dos temas debatidos. Teoricamente, o trabalho fundamenta-se em obras de Sodré (2012, 2023), Césaire (1978), Fanon (2008), Mbembe (2018), hooks (2013, 2019), Nascimento (2019) e outros.

1. História do Grupo de estudos Muniz Sodré sobre Rela es Raciais

O Grupo de estudos foi criado em 2015, no LECC – Laboratório de Estudos em Comunica o Comunitária, sob o apoio de Muniz Sodré, que indicou as primeiras leituras. Desde então tornou-se um lugar de leitura, debate e de acolhimento. Alguns integrantes chamam o grupo de quilombo. Para Abdias Nascimento “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” (NASCIMENTO, 2019 p. 289). Nasceu com apenas três integrantes e aos poucos foi ganhando corpo. De 2018 a 2021 contou com a colabora o de duas cocoordenadoras, Lídia Michelle Azevedo e Renata Nascimento, resultando novas iniciativas.

Inicialmente, chamava-se Grupo de Estudos sobre Rela es Raciais no Brasil, mas em 2021, em homenagem ao incentivador, muda o nome para Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Rela es Raciais (GEMS). Nesse período de existência, o grupo atuou em diversas frentes. Destacamos a es como a realiza o do I Encontro Epistemologias Minoritárias da Comunica o, 2016, uma mesa de debates com Muniz Sodré, Cláudia Miranda, Carlos Alberto Medeiros e Raika Julie Moises, sob a media o de Zilda Martins. O II Encontro Epistemologias da Comunica o se deu no encerramento do primeiro semestre de 2023, com Muniz Sodré e Cida Bento, sob a media o de Rosangela Malachias. O auditório da Casa da Ciência da UFRJ ficou lotado e virtualmente, o encontro foi visitado por 1.472 pessoas.

Em 2018, foi publicado na revista EcoPós o primeiro artigo do GEMS “Do racismo epistêmico às cotas raciais: a demanda por abertura na universidade”. Foi uma entrevista com professores e professoras negros e negras de universidades. O artigo, escrito pelas integrantes do grupo Zilda Martins, Raika Julie, Angélica Basthi, Amanda Moura e Lídia Michelle Azevedo, relatava a dificuldade de abertura da universidade e mesmo das relações raciais.

Durante a pandemia realizamos lives, semanalmente, com intelectuais negros.as, por mais de um mês. Foram vozes sobre Carolina Maria de Jesus, relatos pessoais de racismo e de resistência, Aimé Césaire, Ações Afirmativas, meritocracia, redes virtuais, dentre outras. O Grupo também participou de congressos nacionais e internacionais como o Alaic e o *Critical Media Literacy Conference of the Americas*, da *University of Southern California's Critical Media Project* e teve outros artigos publicados.

O grupo de estudos é composto por estudantes de pós-graduação, de graduação, por professores e ainda por interessados no tema. Uma de suas características é a efemeridade, sem prejudicar os encontros de trocas, de afetos, de acolhimento, de leitura e de abertura, ou seja, insumo para a potencialidade do debate fora da pequena esfera do encontro quinzenal. Trabalhamos com livros ou artigos de autores negros e negras do Brasil e do exterior, independente do campo de estudo, focando sobretudo nas ciências sociais e em relações raciais.

O GEMS também atuou na Comissão de Cotas, 2016 e 2017, para implantação das políticas públicas de Ações Afirmativas no Programa de Pós-graduação da ECO/UFRJ. Participou ainda, em 2018, do primeiro Curso Preparatório para candidatos.as negros.as ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECO. A história do GEMS/LECC traz vozes de integrantes, antigos e atuais, que contribuíram para a implantação do Grupo de Estudos e de outros estudantes, que aos poucos foram se agregando com observações teóricas e experiências de vida, enriquecendo o debate em torno das leituras propostas.

2. O que o GEMS representa para mim

“Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano optei conscientemente por tornar-me uma intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade”. (hooks, 1995, p. 466). Para bell hooks, esse tornar-se intelectual era um modo de fortalecimento, a fim de encarar o



mundo à sua volta e compreender a realidade concreta. Algo construído quase como uma missão. Qual a relação entre a fala de bell hooks e os integrantes do GEMS?

Em uma nuvem de palavras propostas para o novembro de 2020, obtivemos a demonstração do que chamamos de aquilombamento, ou seja, um espaço de escuta, troca, acolhimento e debate. O integrante Wladimir Silva Machado⁴ escolheu “Reparação” para dizer como tinha sido afetado pelo GEMS. “As reuniões do grupo ajudaram a direcionar minha pesquisa doutoral para as relações raciais e, desde então, buscar uma melhor compreensão sobre elas norteia meus propósitos de pesquisa e ensino de modo amplo”. (MACHADO, 2020)⁵.

“Cidadania” foi outra palavra usada para expressar a relação com o grupo. Na observação de Tatiane Bomfim⁶, “o grupo trouxe o lugar do reconhecimento. Reconhecer a sua ancestralidade retomar o lugar de acolhimento e pertencimento. É um encontro que permite um giro acadêmico decolonial”. (BOMFIM, 2020). “Reflexões e afetividade” foram as palavras escolhidas por Sandra Martins⁷. “O Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária - LECC e o Grupo de Estudos sobre Relações Raciais representam o retorno à Academia com afetividade, parceria, aprendizados e reflexões ímpares”. (MARTINS, 2020).

“Conexão” foi a palavra escolhida por Sara Paixão⁸, para quem

O grupo é como um respiro, um norte, uma esperança, uma confirmação de que as tentativas de silenciar as vozes negras não mais terão êxito porque os pretos chegaram à academia, assumiram o comando de suas narrativas e seguem puxando os irmãos para vir junto, assim como eu fui puxada pela Lídia. E é um aprendizado ouvir os colegas do grupo, dá orgulho, confiança, inspira e provoca a produzir algo, em nome da luta de quem veio antes da gente e de quem está por vir. (PAIXÃO, 2020).

⁴ Wladimir é professor de Teoria da Arte Moderna e Contemporânea na Universidade Federal do Vale do São Francisco. É Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (2017).

⁵ Todas as citadas feitas neste artigo foram publicadas em redes sociais, como as páginas do GEMS no Facebook e do LECC, no Instagram, em Novembro de 2020.

⁶ Mestra em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e integrante do Grupo de Estudos desde 2018. Pesquisa sobre educação, inclusão social, cidadania, neoliberalismo, relações raciais e comunicação.

⁷ Mestra em História Comparada pela UFRJ, licenciatura Curta em Docência do Ensino Fundamental e Médio pela A Vez do Mestre/ UCAM e jornalista. Curadora da exposição “45 anos do GTAR: ‘Ainda’ em busca de espaço, na BCG/UFF. Cofundadora da Cojira-Rio: Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial – SJPMRJ.

⁸ Formada em Comunicação Social/Jornalismo na FCS/UERJ. Pesquisa sobre a reprodução dos estereótipos e o apagamento do negro na mídia e em produções audiovisuais brasileiras.

Rosângela Malachias⁹ optou por “Transdisciplinaridade”

Minha palavra escolhida foi Transdisciplinaridade, porque tanto guia as minhas pesquisas quanto define, ao meu ver, o grupo de estudos do LECC, que congrega pessoas com o interesse na comunicação, mas com abordagens múltiplas, interdisciplinares e também transdisciplinares, porque lidam com a complexidade midiática e as relações étnico-raciais no Brasil. (MALACHIAS, 2020).

“Experiência, água e folha” são definições de Raika Julie Moises¹⁰

Para mim, o grupo de estudos é o ponto de partida, pedra fundamental para a universidade que queremos. É acolhida, é estrutura, é pólo de saberes e produção coletiva de conhecimento. Nele, aprendemos e criamos conceitos, partilhamos dúvidas e anseios, parimos ideias, ações, políticas públicas, mas principal e fundamentalmente, nos emocionamos, fazendo com que a oportunidade de aprender, de saber, de ensinar, de circular o pensamento seja comum para todas e todos. O grupo é terreiro firmado, casa de força, é axé! (MOISES, 2020).

Phillippe Sendas¹¹ trouxe a palavra “Adupé” [obrigado], afirmando que “a acolhida no grupo foi um dos melhores encontros neste atribulado ano de tantos medos e incertezas. Um espaço de luta, resistência e muitíssimo afeto.” (SENDAS, 2020). Já Mauro Viana¹² sinalizou com a palavra “Poder”, observando “estou muito feliz em viver o Grupo de Estudos Muniz sobre Relações Raciais, o LECC, a Academia Brasileira de Pretos.” (VIANA, 2020). Matheus Bibiano¹³ apontou “Sabedoria”. “Para mim, o grupo representa um espaço de aprendizado coletivo e uma oportunidade de construir outros horizontes políticos na universidade”. (BIBIANO, 2020).

⁹ Professora Adjunta da UERJ-FEBF – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Demandas Populares e Contextos Contemporâneos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPG-Educ-UFRRJ).

¹⁰ Mãe, jornalista e doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Comunicação com ênfase Cultura, Raça, Corporeidade e Direitos Humanos, além da escrita, edição e publicação de conteúdos de comunicação digital; produção; registro audiovisual; projetos socioculturais e pesquisa. Trabalha para que cada vez mais pessoas (negras em especial) estejam e ocupem lugares que elas escolham ocupar, em especial aqueles que não são pensados para elas. Gosta muito de música, comidas, plantas e muita água por perto!

¹¹ Doutorando e Mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECO/UFRJ. Especialista em Comunicação Científica na Amazônia pelo NAEA/UFGA. Graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela FACOM/UFGA.

¹² Jornalista com passagens pela chamada grande imprensa. Na base da formação, estão o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN, e o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – Ceap. “Estas duas escolas certificaram-me a ingressar no LECC”.

¹³ Bacharel em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Desenvolve a pesquisa de dissertação sobre a organização da política cultural das emoções na ficção seriada televisiva, abordando, principalmente, como as ficções seriadas constituem um certo repertório cultural-emocional que molda possíveis configurações de masculinidades negras e reitera certas construções emocionais sobre corpos racializados.

“Questione” foi a palavra apresentada por Márcia Gonçalves¹⁴, enquanto Jorgina da Silva Costa¹⁵ escolheu “Perseverança”, afirmando que “o Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais se apresenta como um espaço fértil de discussão, possibilitando o amadurecimento crítico para futuros pesquisadores”. (COSTA, 2020).

Ivan Accioly¹⁶ fala de “Liberdade”. Ele “participa do grupo de leituras desde o início de 2020 e tem sido apresentado a ótimos textos, conduzido pela generosidade de compartilhamento e crescimento coletivo dessa aguerrida negritude”. (ACCIOLY, 2020). Para Iris Agatha de Oliveira¹⁷, “Respeitabilidade” representa o GEMS.

O Grupo de Estudos acrescentou muito na minha vida acadêmica, dando mais substância à minha pesquisa sobre o Movimento Negro nos anos 70. Mas acho que, sobretudo, o conhecimento adquirido com as nossas leituras e discussões tonificou as minhas convicções sobre a notoriedade do povo africano para si e para o mundo; fortalecendo, vigorando a minha transmissão da nossa cultura aos meus descendentes. (OLIVEIRA, 2020).

“Manha” é como Hugo Oliveira¹⁸ percebe o GEMS.

Este grupo apareceu no meu caminho em um momento muito importante, o de poder estar ao lado de pessoas pretas, que vivem as mesmas lutas acadêmicas e tem interesse em perspectivas e discussões afrocentradas. É um suspiro aliviado. Um pequeno quilombo onde algumas inseguranças são bem acolhidas e ressignificadas. Sou integrante do Grupo desde 2019. (OLIVEIRA, 2020).

“Força Vital” foi a palavra escolhida por Eustáquio Amazonas¹⁹. “Ter sido um dos fundadores do Grupo de Estudos sobre Relações Raciais no Brasil - LECC/ECO/UFRJ, além de ter sido uma honra, foi muito importante para mim. O Grupo é uma força vital,

¹⁴ Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ. Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ, com interesse em representação, ideologia e branquitude.

¹⁵ Formada em Serviço Social, com especialização em Políticas Públicas, ambos pela UFRJ. Secretária do PPGCOM/ECO e mestranda do mesmo Programa.

¹⁶ Jornalista formado pela Escola de Comunicação da UFRJ e mestrando em Comunicação também pela ECO. É pós-graduado em Gestão de Negócios (UFRRJ) e em Gestão de Recursos Humanos (FGV). Atua no mercado de Comunicação desde 1985. Desenvolve projetos com o site Negrxs50mais.com.br e o blog Papo de Ambiente.

¹⁷ Cofundadora do Grupo de Estudos sobre Relações Raciais no Brasil, em 2015. Mestra em Memória Social pela UniRio e jornalista pesquisadora.

¹⁸ Doutorando em Comunicação pela UERJ. Pesquisa a dança Passinho Foda na confluência entre Comunicação, Artes, Cidade e os processos de desenvolvimento profissional de jovens artistas da dança. Mestre em Cultura e Territorialidade pelo PPCULT da UFF.

¹⁹ Cofundador do Grupo de Estudos em 2015. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela FEBF/UERJ, especialista em Ensino de Sociologia na Educação Básica pela FE/UFRJ e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Cândido Mendes.



que ajuda a pensar o que é ser negro em uma sociedade racista e elitista”. (AMAZONAS, 2020).

Cíntia Gonçalves Albuquerque²⁰ aponta a “Resistência” como característica do grupo.

Os encontros com o Grupo de Estudos sobre Relações Raciais no Brasil me amadureceram como pesquisadora, me fizeram entender a importância de ocupar espaço em um ambiente tão branco e elitista como a academia. Ao longo dos anos, aprendi muito com os colegas e expandi o conhecimento sobre minha própria existência, ao descobrir o que muitos dos meus ancestrais passaram. Sou imensamente grata por tudo. (ALBUQUERQUE, 2020).

“Descolonização do Pensamento” foi a representação colocada por Caio Brasil²¹.

O grupo de Estudos é um espaço de muito aprendizado que fomenta a troca de conhecimentos e experiências sobre a questão racial no Brasil. É importante na minha formação e no desenvolvimento da pesquisa por promover debate crítico e apresentar autores negros que, infelizmente, ainda são pouco valorizados na academia. Em nosso grupo, o negro não é apenas objeto de pesquisa. (BRASIL, 2020).

Camila Mendonça²² ressalta a “Complexidade” do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais

Conheci o Grupo de Estudos sobre Relações Raciais do LECC por um e-mail/convite enviado pela Zilda na lista de discentes da pós-graduação da Eco/UFRJ. Iniciava meu mestrado com a temática da família negra de classe média nas telenovelas e me interessei de prontidão. Fui muito bem recebida! Foram 2 anos de muito aprendizado, desafios e questionamentos que levei para a vida a respeito do que é ser negra/o na diáspora, em especial, inserida/o em um universo acadêmico eurocentrado. O Grupo de Estudos é uma iniciativa mais que necessária dentro do espaço em que está. Vida longa! Avante! (MENDONÇA, 2020).

Para Beatriz Pimentel²³, o GEMS é “Resistência”

O LECC e foi um grande achado da vida. No Grupo de Estudos sobre Relações Raciais no Brasil sinto que posso falar e também ouvir. É neste processo que a troca de conhecimento se torna ainda mais valiosa, quando

²⁰ Mestra em Comunicação e Cultura e Jornalista pela ECO/UFRJ.

²¹ Jornalista formado pela Escola de Comunicação da ECO/UFRJ e doutorando em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFRJ. No mestrado pesquisou o “menor” no jornalismo e o extermínio da juventude negra.

²² Atriz da Ong Ecoa Teatro Social, pesquisadora e Mestra em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ.

²³ Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro do Paraná. Cursa Especialização em Ensino de Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas pelo IFRJ. Temáticas de pesquisa: feminismo negro, raça, música e comunicação, funk carioca, pensamento contracolonial e voz ativa de mulheres negras.

paramos para refletir sobre a realidade do outro. Me sinto em casa, à vontade, sei que estou no grupo certo. (PIMENTEL, 2020).

“Ancestralidade” foi a palavra encontrada por Angélica Basthi²⁴

Este grupo é pioneiro no debate sobre relações raciais numa das principais escolas de comunicação do país e me sinto honrada em fazer parte desde o início. É um espaço de aprofundamento e estímulo para a produção de conhecimento na perspectiva negra. É também uma oportunidade de reconhecimento de uma produção ancestral e contemporânea ainda pouco conhecida no mundo acadêmico. (BASTHI, 2020).

Já para Aínda Feitosa²⁵, a palavra escolhida foi “Liberdade”

O grupo de estudos Muniz Sodré sobre relações raciais tem sido um espaço de leitura e discussão de autores negres, o que contribui, de forma decisiva, para ampliar o leque de referências na construção de um conhecimento verdadeiramente plural. E dessa forma, torna-se possível o exercício de pesquisa que pretende lidar com a complexidade da vida contemporânea, especialmente das populações negras e indígenas, que ainda são sistematicamente excluídas. (FEITOSA, 2020).

Lídia Michelle Azevedo²⁶ trouxe “Ubuntu” para definir o GEMS. “O grupo, para mim, é um lugar de acolhimento e de partilha, onde consigo ler e debater sobre autores que, infelizmente, ainda não circulam nas salas de aula. Um local onde a construção de saber acontece de maneira horizontal, harmoniosa e amorosa”. (AZEVEDO, 2020). Para Renata Nascimento²⁷ “Resiliência” é a palavra. “O grupo representa um espaço de potencialização dos sujeitos, de aprendizado e de acolhimento. Um lugar onde todos podem construir suas ideias a partir de interações, troca e união.” (NASCIMENTO, 2020).

²⁴ Jornalista, escritora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ. É pós-graduada em Gestão de Direitos Humanos e Docência do Ensino Superior (Universidade Cândido Mendes). Foi fellow do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford. (IFP, sigla em inglês).

²⁵ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/POS/UFRJ). cursou mestrado e graduação em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB). Também atua como analista ambiental e jornalista. Seu trabalho de pesquisa estuda a relação do meio ambiente urbano e da linguagem cinematográfica da imagem e do som, investigando populações negras, artes integradas e epistemologias antirracistas e decoloniais.

²⁶ Integrante do Grupo de Estudos desde 2018 e coordenadora até 2021. Mestra e doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e Jornalista. No mestrado pesquisou sobre influência digital, corpo, beleza, empreendedorismo, relações raciais e comunicação.

²⁷ Coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais de 2018 a 2021. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM/UERJ. Desenvolve pesquisa sobre dispositivos de racialidade, sistemas meritocráticos, políticas de ações afirmativas e movimentos sociais.



Zilda Martins²⁸ se apresenta em vídeo, falando dos cinco anos do Grupo de Estudos, da mudança do nome em homenagem ao incentivador do grupo, professor Muniz Sodré e da tessitura política do próprio existir no LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, que pertence a ECO/UFRJ. Ressalta a proposta do GEMS de interferir no processo acadêmico, com os estudos e debates, visando mudança na grade curricular, mais plural e transversal. Aborda ainda a potência dos integrantes e convida interessados a participarem do grupo, aberto às múltiplas vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há tempos que a experiência negra enquanto narrativa existencial, em especial no Brasil, vem orientando análises, reflexões e proposições que têm como ponto de partida a questão racial interseccionada com marcadores sociais, culturais, estatísticos, entre outros. Esse fenômeno só é possível porque pessoas negras de diferentes lugares vêm rompendo com o racismo epistêmico e, a duras penas, fizeram-se senhoras e senhores de suas próprias vozes, ações, pensamentos, saberes e produções. E são elas e eles que nos possibilitaram a escrita negra do século XXI: engajada, posicionada, indagadora, insurgente (GOMES, 2019).

Partimos do princípio que não é possível creditar a experiência única como algo comum a todos os outros seres humanos, mesmo os que por aparência física sejam semelhantes. Porém, há marcadores importantes, contínuos, persistentes e repetitivos que, direta ou indiretamente, interferem, aproximam e orientam histórias comuns. Aqui, nos referimos aos marcadores raciais, seus dispositivos, mas fundamentalmente ao seu eixo central, no caso, o racismo.

Existir não é mera coincidência biológica do ser humano no mundo, e sim um processo de agregação de sentido, de valor, pelo risco de se assumir a experienciada liberdade ou da abertura para outras possibilidades humanas. Essa existência implica o risco do reconhecimento da morte, mas ao mesmo tempo responsabilidade (obrigação) e parceria (ser junto a outro) (SODRÉ, 2015, p. 238).

Ainda que nos últimos anos, os ambientes de ensino superior tenham se tornado mais diversos, plurais e heterogêneos, como a universidade sempre deveria ter sido, segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o Brasil está

²⁸ Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais. Professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ e pesquisadora do LECC. É Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e possui pós-doutorado pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS.



entre os países com menor número de doutores no mundo, totalizando 0,2% de sua população. Analisando estes dados sob a ótica racial, de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Brasil formou 24.432 doutores, sendo 2.492 pessoas negras; 171, amarelas e 27, indígenas, totalizando 2.690 estudantes (11%). Dados como este dão origem à análise elaborada a partir de narrativas midiáticas onde se nota uma eventual preferência da nomenclatura diversidade em detrimento do termo políticas de ação afirmativa e o uso exacerbado da palavra “cotista” para definir as pessoas negras beneficiadas pela conquista política em seus processos de formação.

Gomes (2018) afirma que a atuação do movimento negro liberta os corpos negros que por muito tempo foram colocados em estado de ignorância por conta dos processos colonialista e escravista, que retiraram deles a possibilidade de construção de saber próprio. Sendo, portanto, a educação o caminho para ascensão social, possibilidade de produção epistemológica que valorize a comunicação entre os diferentes sujeitos e suas culturas, e como espaço de formação de cidadãos que se posicionam contra o racismo. A criação e legitimação da raça como instrumento de hierarquização social vai requerer o desenvolvimento de um conjunto variado de ferramentas comunicacionais, materiais, políticas, sociais e simbólicas que permitam sua operacionalidade na produção de diferenças, desigualdades e privilégios.

As ações afirmativas são um fenômeno político, social, histórico e econômico que faz uma fissura profunda e irrevogável na placa tectônica racial existente no Brasil, possibilitando que as ponderações epistemológicas constituídas a partir da existência negra não fiquem restritas somente ao campo das emoções. Neste artigo, o campo pessoal, constituinte da corporeidade e experiência negra, também é entendido como um campo político, público e comum.

Historicamente, o apagamento de biografias de pessoas negras, o esvaziamento de singularidades por narrativas descontextualizadas e distanciadas da história é uma estratégia discursiva poderosa que resulta em danos irreparáveis na vida de pessoas negras. Sueli Carneiro (2003) afirma que uma das características principais do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva aos racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade e também não serem questionados sobre seus atos e experiências.



De acordo com Muniz Sodré (2014), entender a comunicação é identificar os modos de organização e reorganização das relações sociais para além do domínio da linguagem e/ou das mídias (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros), pois ela precede a língua humana. Trata-se de construir vínculos entre os sujeitos pela via do afeto que atravessa o limite da racionalidade e os faz comunicar (que quer “dizer fazer comum, tornar comum”), a partir das trocas sociais. É impossível negar o papel central que os meios de comunicação tradicionais e de massa desempenham na disseminação do lugar de pessoas negras no imaginário social. Sodré chama a atenção para o imaginário racista como uma categoria analítica fundamental na leitura das representações preconceituosas sobre pessoas negras.

O imaginário racista veiculado pelas elites tradicionais pode ser hoje reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso mediático-popularesco, sem distância crítica do tecido da civilização tecnoeconômica, onde se acha incrustada a discriminação em todos os níveis (SODRÉ, 2015, p. 245).

Este trabalho é, acima de tudo, um esforço em recusar a somente estudar, destrinchar, pesquisar e fazer da escrita um conhecimento sobre tratados de morte impostos a pessoas negras. Tratados esses que sequer fomos consultados, que assinam todos os dias por e sobre nós, mas que seguramente a corporeidade e a experiência negra nos afirmam que não assinamos. Assim, o GEMS assume o compromisso de se constituir pelo direito à vida, à existência e as contribuições que a intersecção entre raça, política pública e reconhecimento da importância das diferenças podem trazer para toda a sociedade. Compromisso político de interferir nos processos de leitura e produção de conhecimento por e com pessoas negras.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Rosana. Prefácio à edição brasileira. In: hooks, bell. **Olhares negros, raça e representação**. São Paulo: Elefante editora, 2019.
- CARNEIRO, Suely. **Mulheres em movimento**. Estud. Av. São Paulo, v. 17, n. 49, set/dez. 2003.
- FRANTZ, Fanon. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: ed. Edufba, 2008.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/9/2023

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

Hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: ed. Elefante, 2019.

_____. **Intelectuais negras**. Revista de Estudos Feministas, V. 3 N. 2. Florianópolis: UFSC, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **Negros na cultura brasileira**. In: SANTOS, Joel Rufino dos; LOPES, NEI; COSTA, Haroldo. **Nação Quilombo**. Rio de Janeiro: ND Comunicação, 2010.

MARTINS, Zilda. **Cotas raciais e o discurso da mídia: um estudo sobre a construção do dissenso**. 1º ed. Curitiba: Appris, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n/d editora, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. São Paulo: ed. Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2014

_____. **Reinventando a educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

_____. **O Fascismo da Cor**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2023.